

## Preservando saberes, desenvolvendo territórios- o caso das artesãs em Jaguarão/RS

**EDUARDO GARCIA SOUZA<sup>1</sup>**; **SHIRLEY GRAZIELI DA SILVA NASCIMENTO<sup>2</sup>**;  
**FLAVIO SACCO DOS ANJOS<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – admeduardogarcia@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – shirley.altemburg@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – saccodosnajos@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O entendimento do desenvolvimento através da industrialização e da difusão do ideal de modernização (PAIVA, 1971; BRESSER-PEREIRA, 1976; RODRIGUES-FERREIRA, 1997; PEREIRA, 2011), acarretou em um dualismo histórico que destaca a distinção entre urbano e rural, por diversas vezes tratando esses dois mundos como pontos de um *continuum*, onde o rural é apenas um degrau na caminhada ao plano urbano, também trata de transpor um entendimento no qual os métodos mais antigos de produção - ditos tradicionais- fontes de renda das famílias rurais, são subvalorizados frente um ideal de modernização que impõe regras de aperfeiçoamento destas técnicas utilizadas na labuta. Esse discurso versa sobre a égide das novas tecnologias e dita a mudança para essa nova face moderna como um ideal a ser seguido, sob a pena de tornar-se obsoleto aquele que não for um correligionário da modernização (FONTE e RANABOLDO, 2007). Tal visão de mundo, amparadora desse sucedâneo, traz implicações na esfera sociocultural às localidades por ela abalroadas. A supressão do rural sob o plano moderno faz com que formas de trabalho e renda típicas das famílias rurais sejam desestimuladas e acabem desaparecendo, culminando na destruição cultural daquela localidade, no êxodo rural, na perda dos saberes particulares de determinada região e na exclusão social pelo fim da atividade que garantia proventos à família (TONNEAU, 2005; FONTE e RANABOLDO, 2007).

Entretanto, outras formas de pensar o desenvolvimento, diferente do ideal desenvolvimentista de industrialização, surgem como formas alternativas para se pensar essa questão. Entre elas o desenvolvimento como liberdade (SEN 2007) e o desenvolvimento com identidade cultural (FONTE e RANABOLDO, 2007; FLORES, 2007) colaboram para um novo entendimento desse processo, dando ênfase as questões sociais e culturais. Diante dessa outra perspectiva surgem algumas iniciativas sociais que figuram como “pontos de resistência” em meio ao modelo de modernização. Este é o caso da associação de artesãos de Jaguarão-RS e o seu trabalho na preservação da cultura local, mantendo viva uma tradição história da região e propiciando a inclusão social e fonte de renda para as famílias dessas mulheres. Essa organização responsável por manter a antiga tradição local, é composta por mulheres em diferentes situações, desde as próprias produtoras de lã até aquelas que tem seu único vínculo ao rural por meio do artesanato, mas que uniram-se através da formação de uma associação que fosse responsável pela perpetuação da técnica de artesanato típica da localidade e pela divulgação dos trabalhos locais. Nesse sentido, este trabalho procura discutir o desenvolvimento territorial através da salvaguarda de culturas locais<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Cumpre destacar, que este trabalho faz parte de um projeto em fase inicial que tem como objeto central aprofundar questões relativas a como os diferentes atores sociais envolvidos na

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa exploratória feita através de revisão teórica em livros e artigos científicos que abordam o tema em discussão e da coleta de algumas informações preliminares junto a atores envolvidos na organização associação de artesãos no município de Jaguarão que servem de base para inferências feitas neste estudo. De acordo com GIL (2008), a pesquisa exploratória tem como objetivo principal “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo RODRÍGUES-FERREIRA (1997), o conceito de desenvolvimento foi difundido somente depois da Segunda Guerra Mundial por volta da década de 1950, com o nascimento da escola de desenvolvimento econômico, como lembrado pelo autor “anteriormente se utilizaram outros conceitos próximos e para muitos sinônimos de desenvolvimento: riqueza, evolução econômica, industrialização, modernização ou crescimento econômico” (RODRIGUEZ-FERRERA, 1997, p. 16). No Brasil, carregamos durante muito tempo a concepção de que o desenvolvimento é sinônimo de crescimento econômico e industrial. Até 1930 através da economia cafeeira o país tinha seu crescimento induzido pela exportação, com a grande depressão nesse período, passou-se a repensar o modelo econômico de desenvolvimento para um modelo centrado na substituição de importações (DELGADO, 2001). Tal visão conhecida como desenvolvimentismo (PEREIRA, 2011), de acordo com BRESSER PEREIRA (1976) caracteriza um dualismo estrutural entre o tradicional e o moderno, ressaltando a precariedade do primeiro em relação ao segundo.

Como demonstra TONNEAU (2005) com a modernização, “A crise social, que tem se acentuado nos últimos tempos, com graves reflexos sobre a sociedade brasileira em geral. A modernização da agricultura foi – e ainda é – um fator de exclusão social” (TONNEAU, 2005, p. 69). Segundo FONTE e RANABOLDO (2007) o modelo de desenvolvimento econômico experimentado, baseado no modelo industrial fordista e na globalização ameaça a sobrevivência de diferentes regiões e de comunidades locais. Tanto a modernização e industrialização, quanto mais recente nas últimas décadas a globalização levaram a uma perspectiva de via de desenvolvimento cerceadora de liberdades individuais e promotora de exclusão, nesses termos, o desenvolvimento é visto com uma lente macroeconômica, identificando o desenvolvido ou subdesenvolvido sob aspectos de renda per capita e produtividade que se baseiam no PIB (Produto Interno Bruto) do país.

Tendo isso em vista, um contraponto a esse modelo se faz necessário, é preciso pensar outras acepções do termo “desenvolvimento” que entendem também a necessidade de se pensar a esfera social e cultural do desenvolvimento. Uma dessas correntes de pensamento que identificam a relevância de voltar o olhar para aspectos ligados aos indivíduos, é o do economista Amartya Sen. Para SEN (2007) o desenvolvimento consiste em um processo que está diretamente relacionado com a liberdade dada às pessoas, esta liberdade é entendida como a capacidade que o agente social tem de agir,

em outras palavras, ligada as oportunidades que são dadas a população. Nesse caso, para que exista realmente a liberdade, os cidadãos devem ter acesso a saúde, educação, cultura, transporte e distribuição de oportunidades. A visão de Sen vai além da antecessora e entende que a renda é fator importante na condição de vida das pessoas, todavia não é o único, haja vista que as pessoas necessitam de boas condições de vida para usufruir da renda.

Aliada a esta visão, tem-se o entendimento do desenvolvimento como identidade cultural, onde existe a abertura econômica e social para as pessoas marginalizadas pelos processo de modernização através da valorização da localidade e as tradições do lugar, o desenvolvimento com identidade cultural (FONTE e RANABOLDO, 2007) pode estar ligada a geografia, ecologia, identidade étnica, história, arquitetura, tradições e festas religiosas, etc. É nesse aspecto que se explora o caso dos artesãos de Jaguarão-RS, entendendo que a valorização da cultura local realizada por esses atores, é um processo capaz de gerar benefícios econômicos e sociais para esses envolvidos.

Segundo FONTE e RANABOLDO (2007), os produtos dessas regiões oferecem uma gama de virtudes para redução da pobreza, pois seus criadores são geralmente grupos marginalizados e também criam empregos agrícolas ao mesmo tempo que fortalecem a diversificação das habilidades, capacidades e saberes locais, como no caso em estudo onde a associação unida de forma a cultivar o saber local, além de proporcionar aumento na renda dos artesãos envolvidos, também possibilita a criação de trabalhos de fiação e lavagem da lã, realizados por atores externos da organização. É nesse ponto que Amartya Sen se aproxima do desenvolvimento com identidade cultural, uma vez que para SEN (2007) a pobreza é uma privação das capacidades, a valorização das localidades pode aumentar as liberdades individuais. Especialmente, contribui para aumento da autoestima da população local e estimulam a coesão social, provendo economias positivas (FONTE e RANABOLDO, 2007). Dessa forma, podemos perceber o fortalecimento do tecido social local da associação, através do reconhecimento de seu trabalho expresso por diversas premiações recebidas em eventos, tendo inclusive recebido premiações de nível internacional.

No entanto, a consolidação desses processos de desenvolvimento não são fáceis, dependem de uma emancipação dos atores e do reconhecimento do capital cultural e social presente no território, pois assim, se consegue aflorar a capacidade dos atores locais promover o desenvolvimento através de características endógenas(FLORES, 2007). O desenvolvimento endógeno, não acontece obviamente num processo automático através dos atores locais, é necessária a participação de agentes e instituições de fora do território, pois esse desenvolvimento supõe interação entre forças locais e de fora da localidade, ou seja, forças endógenas e exógenas (FONTE E RANABOLDO, 2007). Na região de Jaguarão, a presença de uma forte tradição de artesanato em lã de ovinos, foi um dos fenômenos que levaram alguns dos atores sociais do território a uma maior liberdade e acesso a condições dignas de vida. Diante desse panorama local, a região apresenta características de um desenvolvimento endógeno baseando-se fortemente na identidade cultural do território.

#### 4. CONCLUSÕES

Nesse estudo de caráter teórico-exploratório podemos observar, através de nossas primeiras imersões a campo, o trabalho realizado na região de Jaguarão-RS como uma forma alternativa de desenvolvimento, distante do modelo ortodoxo. Essa via alternativa permite criar alicerces para a redução da

pobreza e a melhora das condições de vida da comunidade local, que tem parte de seu sustento retirado da prática do artesanato. Esse movimento local, não só beneficia as artesãs diretamente, como movimenta toda uma cadeia local, estimulando a produção de lã de ovinos (fonte de matéria-prima para o artesanato) e gera trabalhos em outras atividades, como é o caso dos responsáveis pela lavagem e cardagem (etapa essencial para a confecção do artesanato e que é realizada muitas vezes por atores de fora da organização).

A união entre os atores locais, que se deu a partir da formação da associação de artesãos, permitiu à comunidade local desenvolver-se através de uma prática tradicional da região, aliando todos os benefícios sociais percebidos com a promoção dessa comunidade à salvaguarda da cultura local. O trabalho conjunto das artesãs em prol da manutenção dessa prática e a intervenção de outros atores exógenos da organização permitem que essa cultura se mantenha viva até hoje e que o conhecimento possa ser repassado para novas gerações. Todavia alguns fatores como a perda do saber fazer, visto que as artesãs encontram-se em uma idade avançada, e a expansão da soja tem diminuído o número dos produtores de ovinos representa.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRESSER-PEREIRA, L. C. **Desenvolvimento e crise no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976
- DELGADO, G. C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 157-172, 2001.
- FLORES, M. Desarrollo rural con identidad cultural: conceptos y reflexiones teóricas. In: URIBE, D. S. MALDONADO, C. E. FONTE, M. RANABOLDO, C. **Territorios con identidad cultural. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea**. Colombia: Revista Opera, 2008. Capítulo 1, p. 33-55.
- FONTE, M. RANABOLDO, C. Desarrollo rural, territorios e identidades culturales. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea. In: URIBE, D. S.
- MALDONADO, C. E. FONTE, M. RANABOLDO, C. **Territorios con identidad cultural. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea**. Colombia: Revista Opera, 2008. Introducción, p. 7-33.
- FONTE, M. RANABOLDO, C. Desarrollo rural, territorios e identidades culturales. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea. In: URIBE, D. S.
- MALDONADO, C. E. FONTE, M. RANABOLDO, C. **Territorios con identidad cultural. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea**. Colombia: Revista Opera, 2008. Introducción, p. 7-33.
- PAIVA, Ruy Miller. Modernização e dualismo tecnológico na agricultura. **Pesquisa e Planejamento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 171-234, dez. 1971.
- PEREIRA, J. M. D. Uma breve história do desenvolvimentismo no Brasil. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, p.121-141, jul.-dez. 2011.
- RODRIGUEZ-FERREIRA, J. C. **La Economía Mundial y el Desarrollo**. Madrid: Acento, 1997.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.
- TONNEAU, J. P., AQUINO, R., TEIXEIRA, O. A. Modernização da Agricultura Familiar e Exclusão Social: O dilema das políticas agrícolas. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 67-82, jan./abr. 2005